



O ATO CARTOGRÁFICO NA DOCÊNCIA DA ARTE: INSTAURANDO ESTADOS CRIATIVOS DE EXPERIMENTAÇÃO

THE CARTOGRAPHICAL ACT IN THE TEACHING OF ART: CREATING CREATIVE STATUS OF EXPERIMENTATION

Sumaya Mattar / USP

RESUMO

O texto apresenta uma perspectiva metodológica de trabalho no campo da formação de professores com base na *epistemologia da prática*, em que a *aprendizagem pelo fazer* figura como eixo central do processo educativo. A perspectiva em questão se desenvolve em torno de práticas de *registro* compreendidas como *atos cartográficos*, por meio de um conjunto de proposições que envolvem múltiplos procedimentos, linguagens e materialidades, que se desdobram em reflexões e produções artísticas e didáticas propulsoras de deslocamentos e rupturas nas representações e práticas de professores.

PALAVRAS-CHAVE

Cartografia; formação docente; criação didática.

ABSTRACT

The text presents a methodological perspective of work in the formation of teachers, based on the epistemology of practice, in which learning by doing forms the central axis of the educational process. The perspective in question develops around record practices understood as cartographic acts, through a set of propositions that involve multiple procedures, languages and materialities that unfold in reflections and artistic productions and didactic of displacements and ruptures in the representations and teachers practices.

KEY WORDS

Cartography; teacher training; didactic creation.

Primeiros traçados

Pouco tempo depois de concluir o curso de licenciatura em Artes Plásticas, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em meados da década de 1980, já de volta a São Paulo, comecei a lecionar; movida por forte necessidade de compreender melhor como poderia contribuir com a formação de outros professores de arte, logo retomei os estudos, desta vez, na Universidade de São Paulo. Na conjunção entre os estudos e minha própria prática como professora, encontrei muitas respostas importantes que, desde então, venho aprofundando e problematizando. Durante a pesquisa de mestrado, descobri o decisivo papel que a memória, a criação artística e o trabalho colaborativo desempenham no processo de formação de professores, quando, após um curso com Marie-Christine Josso, passei a utilizar a autobiografia, além de elementos pertinentes aos processos de criação artística, no trabalho com professores. Formulei o conceito de *projeto poético-pedagógico*, uma perspectiva teórico-prática voltada à conquista de autonomia intelectual e metodológica do professor e à fusão dos papéis do educador e do artista, que busca aproximar, na práxis educativa, campos que aparecem polarizados, tais como: passado, presente e futuro; imaginação, razão e sensibilidade; história pessoal e contexto social, entre outros. (MORAES, 2002). Já com o desenvolvimento da pesquisa que resultaria em minha tese de doutorado, tive a oportunidade de realizar um profundo mergulho no universo da aprendizagem artesanal, quando passei a compreender com mais profundidade a importância do *aprender fazendo* e o papel desempenhado pela reflexão no desenvolvimento da inteligência criadora, aos quais o ato de registrar vincula-se intimamente. Para realizar a pesquisa, investiguei os modos de produção e de transmissão de conhecimentos de Izabel Mendes da Cunha e Shoko Suzuki, mestras ceramistas vinculadas a universos culturais distintos, tornando-me aluna da última, experiência que provocaria substanciais transformações em minha maneira de compreender a arte e a educação. (MORAES, 2007). A *epistemologia da prática* ajudou-me a compreender a aprendizagem artesanal e o lugar da *experiência* nos processos de ensino-aprendizagem da arte e na formação de educadores, alavancando mudanças definitivas em minha maneira de organizar o trabalho pedagógico na Universidade e em outros locais. Passei a dar especial atenção ao papel da

reflexão no processo de aprendizagem e, assim, comecei a explorar, especialmente em minhas aulas na graduação e na pós-graduação, concepções ampliadas da ideia de *registro*, o que acabaria por repercutir em inesgotáveis possibilidades produtivas vinculadas a processos individuais e grupais de aprendizagem e criação, tanto no campo existencial (os projetos de vida são um exemplo), como nos campos acadêmico e profissional. Desde então, venho ampliando as possibilidades de elaboração de registros, associando-as a outros dispositivos igualmente capazes de promover a reflexão, a criação artística e a criação didática e de colocar os sujeitos em relação dinâmica consigo, com os outros e com o mundo.

Entre tais dispositivos, estão: o *caderno de registros*; o *relato autobiográfico*, o *registro poético* e a *criação didática*, propostos de forma articulada e orgânica ao longo de um determinado período de tempo (geralmente, um semestre letivo) e em contextos bem específicos, tais como: disciplinas de graduação e de pós-graduação, cursos de especialização e grupos de formação continuada de educadores. Os exercícios são realizados comumente de forma individual, já que estão voltados tanto para o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a própria trajetória quanto para o exercício poético, mas também podem ser realizados em grupos, duplas ou trios, como ocorre, por exemplo, com o planejamento e a ministração de aulas para os próprios colegas de turma.

Cartografias e deslocamentos

A *cartografia*, aqui compreendida como conjunto de ações de registro, delineamento e criação de territórios e itinerários reais ou imaginários, configura-se como um campo dinâmico que possibilita imprimir sentido *temporal* e *topológico* aos percursos pessoais de formação e ao trabalho de planejamento de ensino, um campo capaz de englobar todas as práticas que proponho, cujo ápice é o processo de criação didática.¹ Deste modo, os vários exercícios poéticos feitos pelos participantes ao longo do processo de aprendizagem são denominados *exercícios cartográficos* (1, 2, 3, e assim por diante), de sorte que também os planos de aulas produzidos durante a última etapa dos processos são pensados e formalizados como *mapas*.

Partida e chegada, movimentos de fuga e regresso, travessias, desenraizamentos, desbravamentos, ultrapassagem de fronteiras, deslocamentos

1. Maria Inês Camargo. O ato cartográfico na docência de arte: mediando estados criativos de experimentação. In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. **Anais do 26o Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3277-3291.

individuais e de grupos, êxodos. A migração - fenômeno que acompanha o ser humano desde sua origem - implica mobilidade humana e envolve, real ou imaginariamente, dois territórios: aquele em que se está inserido e aquele que ficou para trás. Tal mobilidade pode convergir em profundas transformações do espaço geográfico e no contexto social em função da potência das redes de relações tecidas entre as pessoas. A mesma mobilidade pode ser instaurada no espaço escolar em função da necessidade de se fugir das tutelas tradicionais que se contrapõem ao dinamismo dos fluxos no qual se combinam diferentes formas de representação e expressão.

A cartografia favorece a representação multifacetada – simbólica ou real – de tais fluxos, ou seja, o traçado do caminho que se deseja percorrer e a visualização do já percorrido, além das necessárias e inevitáveis possibilidades de mudanças de rota, e isso pode se dar com diferentes linguagens juntas, ocupando o mesmo suporte e/ou plano. Também possibilita a representação de um tema, objeto ou fenômeno, a organização e o encadeamento de conceitos, a comunicação de pensamentos e o desenvolvimento da imaginação, já que seu alcance não se limita à realidade nua e crua.



Figura 1 - Cartografia feita por uma participante da disciplina *Laboratório de experimentação e criação poético-pedagógicas*, do curso de Especialização Arte na Educação, da ECA/USP, em 2016, a partir do exercício denominado *relato autobiográfico*.

Cartografar, nesta perspectiva, une razão e imaginação, promovendo o desenvolvimento de uma racionalidade imaginativa, tão cara às atividades

artística e científica, instaurando um contínuo estado de indagação e experimentação. A exemplo dos cartógrafos antigos e medievais, esta atividade não se confunde com representar realidades factíveis, já que mapas podem comportar, inclusive, elementos extraídos da imaginação. Ao favorecer a escolha de suportes, palavras, imagens, materiais, símbolos e demais elementos gráficos e/ou pictóricos, a alocação de hipóteses em áreas centrais e/ou periféricas e a visualização do transcurso percorrido e/ou a percorrer, os exercícios cartográficos propostos aos participantes dos cursos que ministro afirmam-se como importante prática de registro e instrumento de criação didática e artística, capazes de promover nos participantes uma dinâmica operação intelectual e favorecer a visualização de seus percursos de aprendizagem. Ao cartografar deslocamentos possíveis em sua práxis e em seu espaço de trabalho, o educador se desenraiza, despede-se do que lhe é familiar, abandona velhos hábitos e explora outros domínios, lançando-se à aventura das transformações.

Desenvolver uma cartografia dos desejos, enunciando os mares e os pontos que eu gostaria de navegar e aportar, foi um importante exercício de reflexão que demandou um esforço de organização e síntese. Não foi a primeira vez que reuni em um papel meus desejos de vida, mas foi a primeira vez que o fiz numa perspectiva tão ampla. Nas outras vezes, o caráter era de metas a cumprir, desta vez a intenção foi mais desenhar um horizonte e compreender quem é esse sujeito que olha para esse horizonte. Esse sujeito – esse EU – é composto por múltiplas dimensões, neste momento da vida podemos nomeá-la como: artista, educadora, pesquisadora e mulher. Cada dimensão atua como um eixo que agrega em torno de si diversos desejos. Desejos que podem ser mais imediatos e urgentes, ou que apenas delimitam uma área de interesse a ser explorada. Desejos para os quais eu posso atribuir um tempo de realização e outros que dependem do tempo da vida. Desejos grandes e desejos pequenos. Desejos simples e outros complexos. Desejos sozinhos e acompanhados. Estas dimensões atuam num sistema complexo de interdependência, desta forma o equilíbrio do sistema é algo dinâmico. Encontra-se o equilíbrio no movimento. A coerência de princípios e valores é o fio principal desta trama, dessa rede. É uma espécie de dança da vida.²

Alguns *dispositivos cartográficos* que utilizo para promover e dinamizar a reflexão, a produção de conhecimento e a criação artística e pedagógica³ serão

brevemente apresentados a seguir. São eles: *relato autobiográfico*; *registro poético* e *criação didática*.

Relatos autobiográficos e a construção de propósitos para o caminhar

Já na primeira semana de aula, quando os participantes ainda não se conhecem, após a leitura do belo texto *Gaveta dos Guardados*, de Iberê Camargo (2010), peço que abram suas *gavetas de guardados*, escolham o que de mais importante houver nelas, relacionado às suas experiências com a arte, e elaborem uma reflexão escrita sobre suas *experiências-charneira*.⁴ O *relato autobiográfico*⁵ deve ser concluído com a enunciação clara de um *propósito* pessoal para os campos da arte e/ou da educação e ser *traduzido* poeticamente por meio de uma materialidade eleita pelo participante. Na semana seguinte, quando as *cartografias* começam a ser apresentadas, dada a natureza essencialmente intersubjetiva do exercício, cada participante passa a ser visto em sua singularidade, o que gera profunda conexão entre todos. Aí tem início, de fato, a constituição de um grupo.

Ao término das apresentações dos relatos, por volta da terceira semana de trabalho, o grupo já está absolutamente consolidado, uma condição fundamental para o trabalho colaborativo que sustentará as propostas que serão feitas nas semanas subsequentes e culminarão, no último mês de trabalho, em um intenso processo de criação e ministração de aulas.

No âmbito do trabalho com estudantes e professores que realizo, o relato autobiográfico tem se revelado cada vez mais uma poderosa *prática de si*⁶ verdadeiramente emancipatória, que, entre outras coisas, conecta o sujeito com a própria história e a história social; põe em movimento sua energia criadora e favorece o desenvolvimento de sua autonomia. Daí sua importância nos processos de formação de educadores, estudantes de artes e pesquisadores.

Registros poéticos e experiências de aprendizagem

Enquanto o relato autobiográfico faz com que sujeito se debruce sobre sua história e seu processo de aprendizagem, um outro exercício denominado por mim de *registro poético* tem como objetivo fazer com que os participantes sejam capazes de lançar seu olhar para os outros e os contextos de aprendizagem. A

cada semana, uma pessoa do grupo assume o desafio de registrar a aula ocorrida no dia, de modo que até o final do processo formativo todas tenham passado por essa experiência. A regra é simples e todos a seguem: todas as aulas devem ser registradas e todos, sem exceção, precisam passar pela experiência de fazer o exercício. A pessoa sabe de antemão em qual dia ficará responsável pelo registro, assim, naturalmente, durante a aula que será objeto de sua atenção, seu papel se distingue dos demais participantes; ainda que ela esteja presente e participe de todos os momentos da aula como os demais, o faz de modo muito mais atento, com certo distanciamento, como um observador-participante. Assim, muitas vezes, o registro já começa a ser pensado e planejado na própria aula, quando a pessoa lança mão de anotações, gravações, fotografias, desenhos, por exemplo; outras vezes, ela simplesmente vê e ouve com mais atenção. Saber de antemão que a tarefa ficará sob sua responsabilidade interfere na qualidade do seu olhar; sabe que terá de levar, na semana seguinte, a tradução poética de suas impressões sobre uma experiência coletiva e que o seu registro introduzirá a próxima aula, amalgamando-a às anteriores. Desta forma, este exercício contribui para a construção de um sentido de continuidade entre uma experiência de aprendizagem e outra, algo fundamental em um processo de aprendizagem que se pretenda significativo.

Semana a semana, um a um se exercita no desafio de lançar um olhar particular para a experiência vivenciada coletivamente, traduzindo-a poeticamente. Os participantes sabem que tal *tradução* não precisa ser feita fazendo uso exclusivo da linguagem escrita, como ocorre com o relato autobiográfico, a não ser que a materialidade eleita passe pela palavra. O convite é para que explorem, pesquisem e experimentem linguagens, materialidades e procedimentos que lhes são pouco familiares, mas com os quais têm alguma afinidade *poética*. Tal tradução é por mim denominada *síntese poética*.

Mas que operação é esta, a de *sintetizar* algo poeticamente?

Trata-se de um exercício de reflexão sobre o que singulariza cada experiência no processo coletivo em curso; um exercício que envolve um movimento de busca, seleção e tradução do que se considera essencial na experiência vivenciada coletivamente, uma operação complexa da inteligência criadora, que nada tem a ver com ações mais simples como resumir ou descrever algo. A

partir do momento em que a singularidade da experiência se revela para a pessoa que fará o registro, tem início um movimento para transformá-la em algo de natureza poética, já que toda verdadeira experiência de aprendizagem tem qualidades estéticas. Deste modo, o participante incumbido do desafio construtivo de fazer a síntese poética tem sua inteligência criadora posta em movimento, e assim começa o processo de criação propriamente dito, envolvendo, entre outras coisas: levantamento de hipóteses, pesquisa, seleção, experimentação, e, finalmente, a materialização. Dada a complexidade do processo, *registrar poeticamente* uma experiência de aprendizagem aprimora o olhar e amplia as possibilidades de ação criadora do educador e do artista, cujos papéis se integram naquele que realiza o exercício. O compartilhamento das sínteses, semana a semana, instaura um ambiente de formação colaborativa, em que todos aprendem com todos, sustentado em laços afetivos que vão se estabelecendo entre os participantes.

A maneira como os participantes lidam com o desafio é bastante variada. No início, muitos ficam com medo, até porque a maioria das pessoas que compõem os grupos, com exceção daqueles que já são artistas e/ou alunos de artes visuais, são professores que estão afastados de práticas artísticas. Por esta razão, pode chegar a ser assustador fazer algo que revele parte de sua subjetividade e ainda apresentá-lo a um grupo de pessoas, de modo que elas vejam algum significado naquilo, pois, afinal, de algum modo o objeto se refere a todas elas. Porém, ao lado da angústia e da apreensão, o exercício propicia prazer, satisfação e sentido de realização.



MATTAR, Sumaya. O ato cartográfico na docência da arte: instaurando estados criativos de experimentação, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. **Anais do 26o Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3277-3291.

Figura 2 - Registro poético feito por uma participante da disciplina de pós-graduação *Arte, experiência e Educação, cartografias de si: percursos de formação e processos criativos de professores-propositores*, em 2015.

Ao lado das demais propostas feitas ao longo do processo de formação, a *síntese poética* possibilita que todos os envolvidos se exercitem poética e reflexivamente e, em algum momento, assumam o protagonismo em relação às outras pessoas, pois mostram e falam e são vistos e ouvidos; aos poucos, todos constroem uma partitura pessoal para o campo da arte/educação, um jeito próprio de ser professor de arte.

(...) a reflexão não era apenas um registro descritivo, mas uma síntese poética, que incluía a criação como parte do processo. Considero este aspecto fundamental, pois na área da arte e educação muitas vezes o diálogo entre prática e reflexão fica um pouco solto, as pessoas não percebem o que aprenderam ou que conhecimento foi produzido, e a experiência acaba escapando quando não olhamos de fato para ela.⁷

A concepção ampliada de cartografia aciona uma miríade de ações construtivas por parte dos participantes: desenhos, pinturas, colagens, costuras, gravuras, esculturas, bordados, fotografias, gravações, além de trabalhos com o corpo, o som e a palavra, entre outras possibilidades. De fato, é incomensurável a quantidade de possibilidades expressivas para a realização desta prática, daí sua potencialidade, pois abre um campo de criação absolutamente infinito, que pode se estender para os vários setores das vidas dos participantes.

A obra do educador: aula e autoria

Distante da sala de aula e dos estudantes, um professor não se realiza enquanto tal. Seu ofício se efetiva somente na práxis educativa, sendo indissociável do processo de planejamento e ministração de aulas. A aula é, pois, a obra do professor. Quando a aula é compreendida como trabalho da inteligência criadora, a práxis educativa possibilita a fusão entre o educador, o artista e o educador.

Nesta perspectiva, longe do tradicional esquema de planejamento de aula, em que se preenche itens como: objetivos gerais, objetivos específicos, conteúdos e metodologia, nos processos de formação inicial e continuada de professores, proponho um exercício que aciona um vigoroso trabalho intelectual, que resulta em aulas de inegável qualidade, além de propiciar conhecimento e ganho expressivo por parte dos participantes. A partir da escuta e da observação atenta das características e necessidades dos contextos educativos e dos estudantes

neles envolvidos, da definição de um *propósito* para o trabalho educativo, da formulação de uma *imagem poética* que a ele se relacione e do encontro de um *título* tem início a criação da aula, que pode tanto se dar individualmente como coletivamente, a depender dos grupos.

As seguintes interrogações são por mim lançadas:

Título? (a intencionalidade da aula);

O quê? (do que tratará a aula e o propósito da mesma);

Por quê? (justificativa da aula para o contexto educativo e o grupo específico de alunos);

Para quê? (objetivos da aula);

Como? (maneira com que a aula será desenvolvida para o alcance dos objetivos propostos);

Onde? (local (ais) em que a aula será desenvolvida);

Com o quê? (materiais necessários para a aula);

Referências? (principais referências teóricas e artísticas utilizadas para fundamentação e enriquecimento da aula).

A busca de respostas para estas questões instaura um processo de criação apoiado na conjugação dos conhecimentos teórico-práticos construídos até então pelos participantes, desde aqueles relacionados a formação e a experiência pessoal, até os pertinentes às suas experiências acadêmico-profissionais, aí incluídos as experiências desenvolvidas no grupo da disciplina e/ou curso e os dados coletados junto a escolas em que trabalham ou estagiam.⁸

As respostas formuladas configuram um texto de conteúdo genuíno, que revela o raciocínio poético-pedagógico do educador, e representam a proposta da aula que será ministrada. O plano é então traduzido em um *mapa*, uma representação simbólica verbo-visual da ideia da aula, em que tudo que se pretende que dela faça parte pode estar incluído, sobretudo as hipóteses do educador e a organização espaço-temporal da proposição.

o sujeito se coloque de forma ativa em relação a si mesmo e à própria aprendizagem, ultrapassando as muitas dificuldades com as quais pode se deparar em seu ofício.

Escrever, inscrever, gravar, grafar, assinalar, consignar, historiar, referir, mencionar, marcar, memorizar, anotar, entre outras, são algumas das ações relacionadas à ampla e complexa esfera da *cartografia*, que sempre envolvem a correlação entre: atenção, reflexão, imaginação, vontade, desejo, inteligência e memória. Cartografar pode, pois, desdobrar-se em inúmeras possibilidades construtivas, tais como: *anotações, portfolios, esboços, poemas, dramatizações, pinturas, desenhos, fotografias, gravações, performances, cartas, mapas, diários*, entre muitas outras.

No âmbito do trabalho com professores, o raciocínio cartográfico se presta à instauração e ao acompanhamento do fluxo de dinâmicas criadoras, em que se pode inventar e reinventar o tempo todo, dando origem a uma profusão de ações que podem envolver múltiplos procedimentos, linguagens, instrumentos e materialidades. Tal maneira de pensar e trabalhar o ato de *registrar* é pouco comum e em muito se distancia da ideia de *controle* que assola a educação escolar (e também a superior) e impõe aos educadores processos absolutamente burocráticos representados por uma enorme quantidade de documentos a serem preenchidos, que em nada contribuem para a aprendizagem de estudantes e professores e a melhoria do trabalho educativo, entre os quais estão: relatórios, atas, planilhas, formulários, pastas, e os já mencionados diários de classe, entre outros. Muitíssimo distante disso, as práticas de registro presididas pelo raciocínio cartográfico alimentam processos de criação artística, pedagógica e científica e processos formativos de modo geral, sobretudo aqueles voltados à construção da autonomia e ao desenvolvimento do pensamento crítico de professores e estudantes.

Desenhar, pintar, esculpir, recortar, colar, pregar, escavar, costurar, bordar, alinhar, narrar, mapear, cantar, tocar, dançar, representar, jogar, fotografar, e, claro, *escrever*, entre muitas outras ações, guardam uma forte potência de transformação e pressupõem sujeitos que exerçam com liberdade sua capacidade de pensar e agir, colocando-se de forma desejante no mundo. Naturalmente, essas são as pessoas que têm mais possibilidades de modificar a

si mesmas e de promover transformações nos locais em que atuam, a começar, no caso dos professores, pelas próprias aulas que ministram. Não por outra razão, vivências de práticas reflexivas e criativas são negadas em contextos educativos pouco democráticos, nos quais a palavra de ordem é o engessamento de corpos e mentes, e em que *registrar* é atividade burocrática obrigatória imposta aos professores, sobre os quais exerce forte papel de controle e coerção.

O educador dificilmente romperá solitariamente com tal *modus operandi*. É preciso que lhe sejam propiciadas oportunidades para vivenciar e experimentar outras formas de se relacionar com a própria práxis para que compreenda que pode e deve trabalhar sobre si mesmo, sem ficar alheio aos contextos e às outras pessoas e, ainda, que pode se valer do exercício poético e das múltiplas linguagens artísticas no enfrentamento deste desafio. Mas debruçar-se sobre as próprias experiências raramente se dá de forma espontânea entre profissionais adultos que vivem sob pressão e/ou têm pouco incentivo para exercitar a reflexão e a crítica. Neste sentido, a *reflexão sobre as experiências* pessoais, acadêmicas e profissionais e o *encontro de um destino singular* para os conteúdos advindos deste exercício aproximam-se do hábito de ler. Ora, não nascemos sabendo ler, tampouco, gostando de ler; aprendemos a ler e a gostar de ler entrando em contato com a leitura, ou seja, lendo. Aos poucos, vamos nos dando conta de que os textos ampliam nosso conhecimento e a percepção de nós mesmos e do mundo, nos ajudando a viver melhor, e então passamos a fazer uso deles de forma deliberada. O mesmo ocorre com as práticas de registro (percebidas como *cartografias*). De nada adianta impô-las; é necessário que sejam oferecidas oportunidades ao professor para rememorar, refletir, experimentar, desejar e exercitar-se poeticamente, de tal sorte que o ato de registrar possa ganhar significado e ser incorporado em sua rotina. É fundamental que ele tenha interlocutores - seus colegas de profissão - para que, juntos, tornem esta prática significativa em seu dia a dia, humanizando a escola e promovendo movimentos mais amplos de deslocamentos e rupturas, para os quais a arte oferece especial contribuição.

Considerações finais

Os olhares diacrônico e sincrônico que são mobilizados pela reflexão sobre a

prática acionam um processo de trabalho do educador sobre si mesmo, favorecendo a reelaboração de experiências e a instauração de um movimento contínuo de reflexão e reinvenção de si, que, em última instância, contribui para que ele se aproprie de conhecimentos tácitos e construa um jeito próprio de ser professor, exercendo de forma responsável sua autonomia intelectual e metodológica. Dadas a multiplicidade de linguagens e as infinitas possibilidades materiais e procedimentais com as quais os atos cartográficos podem ser produzidos, e de sua qualidade verbo-visual, a incorporação de tal prática no trabalho docente promove um dinâmico e contínuo movimento de construção de memória e autoria. Distanciamentos, sínteses, saltos e retrospectivas coexistem no traçado de *mapas* de percursos (já percorridos ou desejados). Processos desenvolvidos e saberes construídos tornam-se visíveis e comunicáveis e podem ser retomados e sistematizados pelo educador a qualquer tempo. A perspectiva cartográfica também impulsiona e dá sustentação à criação didática e ao processo de construção de partituras para a docência, auxiliando o educador na construção de um repertório pessoal e na organização estrutural do trabalho educativo. É neste sentido que a perspectiva formativa brevemente aqui apresentada pretende oferecer contribuições ao campo da formação inicial e continuada de professores.

Para que façamos frente aos processos de esvaziamento e precarização da arte na educação, é fundamental que os professores se coloquem de forma ativa e dinâmica em relação a si mesmos, aos contextos em que atuam e aos sujeitos neles envolvidos, aprendendo com as próprias experiências e buscando instaurar fluxos emancipatórios e libertadores, que ampliem o capital cultural de si mesmos e dos educandos e a eles ofereça oportunidades para vivenciar inesgotáveis possibilidades de expressão pessoal. Traçar outras rotas, arriscar-se, explorar novas paisagens, reinventar-se. Eis o valor das práticas de registro como ato cartográfico na formação e práxis docente.

Notas

¹ Embora inspirado em Deleuze e Guattari (1995), o uso que faço da *cartografia* tem na própria Geografia uma importante fonte, já que, há muito, a partir do trabalho que realizo com as histórias de vida na formação de professores, utilizo a ideia de viagem como metáfora para a vida profissional do professor e sua práxis educativa. Nesta perspectiva, a cartografia não é utilizada como metodologia de pesquisa, tal MATTAR, Sumaya. O ato cartográfico na docência da arte: instaurando estados criativos de experimentação, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. **Anais do 26o Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3277-3291.

como vem largamente sendo utilizada, sobretudo, nos estudos da subjetividade, e sim como exercício de organização de ideias, registro de experiências e criação de possibilidades.

² Reflexão sobre o trabalho com cartografia escrita por uma participante da turma de 2015 da disciplina do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV ECA/USP: *Arte, experiência e Educação, cartografias de si: percursos de formação e processos criativos de professores-propositores*.

³ A mesma perspectiva metodológica é desenvolvida junto ao conjunto de disciplinas do curso de licenciatura em Artes Visuais da ECA/USP, denominadas *Metodologias do Ensino das Artes Visuais com Estágios Supervisionados (I, II, III e IV)*.

⁴ Experiências que, segundo Nóvoa, distinguem-se das outras por terem um *antes* e um *depois*, ou seja, experiências que promoveram algum tipo de transformação no modo de pensar ou de agir da pessoa.

⁵ O relato autobiográfico guarda distinções em relação à história de vida, ainda que ambos façam parte do mesmo campo semântico, pois seu foco reside em um recorte da vida e não em sua totalidade, neste caso, a relação com a arte e a educação.

⁶ Pesquisada por Michel Foucault no âmbito de seus estudos sobre as formas pelas quais o indivíduo se constitui e se relaciona consigo mesmo e com os outros, com base nas práticas que envolviam na cultura grega e romana a noção de *cuidado de si*. Para o filósofo, a invenção de si equivaleria a fazer da própria vida uma obra de arte, "um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser" (2006, p. 265).

⁷ Trecho da reflexão final de T. sobre a disciplina de pós-graduação *Arte, experiência e Educação, cartografias de si: percursos de formação e processos criativos de professores-propositores* do PPGAV da ECA/USP.

⁸ Na graduação, além de ministrar as aulas para os próprios colegas, exercício que denomino de micro-aulas, os estudantes têm a oportunidade de ministrá-las a crianças e jovens vinculados aos projetos de estágio que realizamos em escolas públicas e cursos de extensão na ECA/USP, sob nosso acompanhamento *in loco*.

Referências Bibliográficas

CAMARGO, Iberê. Gaveta dos guardados. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix, Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos V).

MORAES, Sumaya Mattar. Aprender a ouvir o som das águas: o projeto poético-pedagógico do professor de arte. São Paulo: FEUSP, 2002. (Dissertação de Mestrado).

_____. Descobrir as texturas da essência da terra: formação inicial e práxis criadora do professor de arte. São Paulo: FEUSP, 2007. (Tese de Doutorado).

_____. Memória e reflexão: a biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto) formação de professores de arte. http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya_mattar_moraes.pdf

MATTAR, Sumaya. Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula. Campinas: Papyrus, 2010.

MATTAR, Sumaya e ROIPHE, Alberto. Arte e educação: ressonâncias e repercussões. São Paulo: ECA/USP, 2016.

http://artenaescola.org.br/uploads/livros/ebook/Arte_e_educacao_ressonancias_e_repercussoes.pdf

Sumaya Mattar

Docente da ECA/USP, com pesquisas voltadas à formação de professores, à iniciação à docência e à aprendizagem artística. Desenvolve projetos de formação de professores no âmbito do estágio supervisionado com abordagem multi e interdisciplinar, envolvendo crianças, jovens e adolescentes. É líder do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação e autora do livro *Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula* (Papyrus, 2010). CV: <http://lattes.cnpq.br/9483667475775295>